

CONVERSAS COM O ACERVO DO MAV

Leitura de obra: Líquido, 1984

Marco do Valle (1954)

Essa edição das conversas com o Acervo do MAV elege o trabalho “Líquido”, criado por Marco do Valle, em 1984 e assim, nos propõe uma leitura pautada na produção artística tridimensional, usualmente diminuta dentro dos acervos museológicos ou mesmo em acervos particulares.

Esculturas, Objetos, Instalações, Intervenções ou Performances configuram um campo das proposições artísticas cuja volumetria encara física e conceitualmente a ambivalência entre o material e o imaterial, entre o objeto (agora sim com letra minúscula!) e o evento. Mas, a despeito de certa dificuldade de sua salvaguarda e exposição, a produção artística tridimensional é indicativa de importantes pontos das revisões do atual estatuto aplicado à Arte e por esse caminho pretendemos dialogar com o trabalho eleito.

É a partir da importância assumida pelo dado do Espaço, na construção da linguagem artística contemporânea que a Escultura, e toda forma de expressão tridimensional, tornam-se corpos fundamentais para a compreensão dos percursos traçados pela Arte em nossos dias. Conceitos importantes cunhados, ao longo do século XX e XXI, tais como: Sensorialidade (Merleau-Ponty), Desmaterialização (Lippard), Passagem (Krauss), Pertença (Kwon), Trajetividade (Virilio), dentre outros, permitem certo protagonismo ao campo artístico tridimensional.

Interessa-nos nesse ponto, de modo particular, enfatizar a espessura da qual precisa investir-



Líquido, 1984
Montagem borracha e ferro
120 x 250 cm

se a Escultura Contemporânea para fundar seus novos marcos no tempo e no espaço do mundo atual solapado pelos excessos produzidos, em grande escala, pela indústria. Assim, o artista dedicado à tridimensionalidade convive a aporia da produção de mais, de outros ou de possíveis novos objetos.

Marco do Valle cria suas Esculturas, Objetos, Instalações, Videoinstalações e outras linguagens artísticas, mantendo-se fortemente centrado na combinatória dentre valores da matéria industrial, do espaço arquitetônico e de um feixe poético extraído do cotidiano de um leitor atento no qual perfilam a geometria de Euclides, a força inercial de Coriolis, os prismas de Dürer, os arranjos alegóricos de Brecheret, dentre muitos outros.

Ativo participante da cena artística nacional, desde o final da década de 1970, Marco do Valle destaca seus principais referenciais, nos vários depoimentos publicados sobre sua trajetória que podemos encontrar na rede. Neles, configuram-se como linguagens fundamentais: a Arquitetura e a Escultura; como importantes mestres: Thomaz Perina, Antonio da Costa Santos e José Resende; como Museu que lhe despertou o interesse pela Arte, o MASP, visto pelas esculturas de Degas. A primeira formação como Arquiteto, obtida pela PUC Campinas (1982), amplia seu interesse da Escultura para a Arquitetura que se manifesta no objeto de pesquisa de seu Doutorado, realizado na FAU USP (2000), acerca do desenvolvimento da forma e procedimentos de projeto trabalhados por Oscar Niemeyer ao longo de sua carreira.

Como conhecedor crítico desses campos, Valle emprega a forma em seu trabalho sempre para além da plasticidade que a constitui a partir da produção artística Moderna. O artista adensa suas investigações no mesmo sentido que nos aponta Nicolás Bourriaud: almejando as questões próprias da formatividade, da relação criada entre um objeto e seu entorno, localizando aí seus leitores, ou seja, razão dada

pelo encontro fortuito entre elementos antes só dispostos em paralelo. (Bourriaud, 2009)

A peça “Líquido” foi criada e exposta por Valle no Gabinete de Arte Raquel Armauld, em 1984, antes mesmo que pudéssemos nos aproximar das ideias sobre a Modernidade líquida anunciadas e discutidas por Zygmunt Bauman, no final da década de 1980. Contudo, poucos anos as separa, de fato; permitindo-nos inquirir como, afinal, poderiam relacionar-se? Para tanto, a análise ora proposta investe-se da mesma estrutura com a qual se revisa a forma por meio da formatividade.

Construída com lâminas de borracha industrial escalonadas, essa escultura apresenta-se aderida à parede que a sustenta, quase completamente. Projeta-se, assim, muito pouco da superfície entorno. Por meio dessa restrição, nos propõe um jogo inverso entre o positivo e o negativo, com o qual invoca a dificuldade e o desafio enfrentados por esse objeto para firmar-se. É a grande área de mancha negra e opaca, vista pela frente, com poucos indícios aparentes de volumetria, aquela que nos informa sua presença como objeto. Essa mancha tem uma dimensão impositiva para o entorno expositivo: estende-se por dois metros e meio de altura e um metro e vinte centímetros de largura, mas não ultrapassa dez centímetros de profundidade.

A fluidez que qualifica aquilo que é líquido e o jogo de forças entre o estado sólido da matéria e seu modelador no ambiente está aqui também concretizada. Por esse caminho, os paralelos entre a Escultura de Valle e o sintoma com o qual Bauman lê a sociedade atual, encontram-se.

O ponto de vista do espectador diante da proposição espacializada de um trabalho artístico é dado fundamental para o legado deixado pelos artistas do Minimalismo, estética pela qual esse trabalho é também referenciado. Olhar para baixo, para o que está

tão próximo quanto quase invisível, ao invés de olhar para frente e para o distante que se percebe bem projetado na paisagem é o que solicitam as peças criadas pelos minimalistas, em meados da década de 1970. O observador, em pé, diante de um objeto que se apresenta à frente, encontra na peça “Líquido” de Marco do Valle, outro dilema a ser tratado: olhar para a frente é condição para identificá-la, contudo, voltar-se para a exígua espessura material lateral, onde ela se faz quase invisível, guarda a chave de sua leitura. O artista nos solicita o olhar inquieto, dirigido para suas faces laterais, lá onde, no fim de tudo, revela-se o modo para reconhecer essa escultura e sua fluidez; para além da forma.

PROFA DRA SYLVIA FUREGATTI

Artista visual, docente do Depto Artes Plásticas
Coordenadora do Curso de Graduação em Artes Visuais
IA Unicamp

Maio de 2015

Referências:

BAUMAN, Zygmunt. “Modernidade Líquida”. RJ: Ed. Zahar, 2001.

BOURRIAUD, Nicolás. “Estética relacional”. SP: Martins Fontes, 2009.

CRUZ, M. Alice. “Marco do Valle recebe medalha Samuel Lisman da Academia Campineira”. Portal da Unicamp, 06/07/2012. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2012/07/06/marco-do-valle-recebe-medalha-samuel-lisman-da-academia-campineira>. Acesso em: 25/05/2015.

KRAUSS, Rosalind. Passagens da Escultura Moderna. SP: Martins Fontes, 1998.

TASSINARI, Alberto. Pesadelos da razão. In: “Victor Grippo, Hercules Barsotti, Marco do Valle, Eduardo Sued, Carlos Fajardo”. SP: Gabinete Arte Raquel Arnauld, 1984.